

A CROWNS OF NYAXIA NOVEL

THE ASHES  
& THE STAR-CURSED  
KING

THE NIGHTBORN DUET BOOK TWO  
CARISSA BROADBENT

THE ASHES  
& THE STAR-CURSED  
KING



A CROWNS OF NYAXIA NOVEL

THE NIGHTBORN DUET BOOK TWO  
CARISSA BROADBENT

[OceanofPDE.com](http://OceanofPDE.com)

Copyright © 2023 por Carissa Broadbent

Arte da capa por KD Ritchie no Storywrappers Design.

Design de capa dura sob a jaqueta por Nathan Medeiros.

Design de Interiores por Carissa Broadbent.

Edição por Noah Sky: [noahcsky@gmail.com](mailto:noahcsky@gmail.com).

Revisão por Rachel Theus-Cass.

Revisão por Anthony Holabird: [holabirdediting.com](http://holabirdediting.com).

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo armazenamento de informações e sistemas de recuperação, sem permissão por escrito do autor, exceto para o uso de breves citações em uma resenha do livro.

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)

**Nota do autor:**

*Este livro contém assuntos que podem ser difíceis para alguns leitores, incluindo violência gráfica, violência contra crianças, discussão de agressão sexual e estupro e escravidão. Este livro também contém sexo explícito contente.*

[OceanofPDF.com](http://OceanofPDF.com)



## CONTEÚDO

### Prólogo

#### I. Noite

1. Oraya
2. Raihn
3. Oraya
4. Raihn
5. Oraya
6. Oraya
7. Oraya

#### II. Lua Nova

##### Interlúdio

8. Raihn
9. Oraya
10. Raihn
11. Oraya
12. Oraya
13. Oraya
14. Raihn
15. Raihn
16. Oraya
17. Oraya

#### III. Interlúdio da Lua

##### Crescente

18. Raihn
19. Raihn
20. Oraya
21. Oraya
22. Oraya
23. Oraya
24. Oraya
25. Raihn
26. Oraya
27. Oraya
28. Raihn

#### 4. interlúdio

##### meia lua

29. Oraya
30. Oraya

31. Raihn
32. Oraya
33. Oraya
34. Oraya
35. Oraya
36. Raihn
37. Oraya
38. Oraya
39. Raihn
40. Oraya
41. Oraya
42. Oraya

#### V. Interlúdio da

Lua

Crescente

43. Oraya
44. Oraya 45. Raihn
46. Oraya
47. Oraya
48. Oraya
49. Oraya
50. Oraya
51. Raihn
52. Oraya
53. Raihn
54. Oraya
55. Oraya
56. Raihn
57. Oraya
58. Raihn
59. Oraya
60. Raihn

#### VI. Lua cheia

Interlúdio

61. Oraya
62. Oraya
63. Oraya
64. Raihn
65. Oraya
66. Raihn
67. Oraya
68. Raihn
69. Oraya
70. Raihn

71. [Oraya](#) \_

72. [Raihn](#) \_

73. [Oraya](#) \_

74. [Oraya](#) \_

75. [Oraya](#) \_

VII. \_\_\_\_\_

[Amanhecer](#) \_

76. [Oraya](#) 77. [Raihn](#)

78. [Oraya](#) \_

79. [Raihn](#) \_

80. [Oraya](#) \_

[Nota do autor](#)

[Pronto para mais do mundo The Crowns of Nyaxia?](#) \_\_\_\_\_  
[seis rosas queimadas](#)

[Também por Carissa Broadbent](#)

[Glossário de termos](#) \_

[Agradecimentos](#) \_\_\_\_\_

[Sobre o autor](#) \_\_\_\_\_

## PRÓLOGO

**T** O rei soube, neste momento, que seu maior amor também seria sua ruína, e que ambos viriam na forma improvável de uma jovem humana.

Ele vinha adiando essa realização há muito tempo. Mais, talvez, do que ele queria admitir para si mesmo. A clareza, estranhamente, veio em um momento de caos absoluto - nos gritos furiosos da platéia, nas areias encharcadas de sangue do coliseu, na enxurrada de corpos e suor e sangue quando a jovem mal conseguiu evitar o ataque brutal de seu agressor.

O rei não estava pensando muito então. Ele estava apenas reagindo. Tentando desviar a atenção do Bloodborn do humano. Tentando ficar entre eles. Falhando todas as vezes.

O competidor Bloodborn tinha um objetivo e um objetivo sozinho: ir atrás do humano.

Um golpe, e outro, e outro, e a jovem estava no chão, o Bloodborn elevando-se sobre ela, e o rei não conseguia sentir nada além de seu coração na garganta quando a espada se ergueu.

E então o rei olhou para as arquibancadas, e seus olhos tão facilmente caíram para o príncipe Bloodborn, parado ali com os braços cruzados e uma cigarrilha nos lábios, sorrindo.

Ele entendeu exatamente o que aquele sorriso dizia: *eu sei o que você quer. Você sabe o que eu quero.*

Foi aqui, neste momento, que a compreensão o atingiu.

*Você me destruiu, porra,* ele disse à jovem na noite anterior.

Ela o destruiria.  
E valeria a pena.

Porque o rei nem pensou, nem hesitou, quando encontrou os olhos do príncipe - e ele assentiu.

Um pequeno movimento e ele vendeu seu reino.

Um pequeno movimento e ele sabia exatamente o que tinha que fazer.

Os segundos seguintes se misturaram. O sorriso do príncipe tornou-se um sorriso satisfeito. Seu sinal para seu competidor Bloodborn. A hesitação do competidor, tão perfeitamente calculada, e a espada da mulher humana em seu peito.

E então era só ele e ela, e um prêmio que só um poderia viver para reivindicar.

Só restava uma escolha então, é claro. Ele não questionou. Ele acabara de fazer um acordo para salvar a vida dela - um acordo que destruiria seu reino e do qual ele só tinha uma saída.

Trezentos anos era muito tempo para viver. Mais tempo, ele costumava pensamento, do que qualquer criatura merecia.

Os dois se encararam por várias respirações longas e silenciosas, imóveis. Ele podia ler seu rosto tão facilmente. Era cativante que alguém tão espinhoso também fosse tão transparente. Agora mesmo, seu conflito – sua dor – brilhava através das rachaduras em suas paredes.

Ela não se moveria primeiro, ele sabia.  
Então ele fez.

Ele a conhecia tão bem agora. Ele sabia exatamente como forçá-la a liberar todo aquele poder implacável, mortal e devastadoramente bonito. Ele era um bom ator. Ele desempenhou bem seu papel, mesmo que por baixo disso, ele se encolheu com cada ferida que sua lâmina abriu em sua carne.

Muitos anos depois, os historiadores sussurrariam: *Por quê? Por que ele fez isso?*

Se eles pudessem ter perguntado a ele naquela noite, ele poderia ter dito: *É realmente tão difícil de entender?*

Os olhos dela foram a última coisa que ele viu quando morreu.

Eram lindos olhos. Incomum. Prata brilhante, como a lua, embora geralmente escurecido por nuvens. Ele achava muitas coisas bonitas sobre a mulher humana, mas achava que seus olhos eram os mais impressionantes de todos. Ele nunca disse isso a ela. No momento em que a lâmina dela atingiu seu peito, Nightfire envolvendo os dois, ele se perguntou se deveria.

Aqueles olhos sempre revelavam mais do que ela jamais imaginou. Ele viu o momento exato em que ela o pegou em flagrante — percebeu que ele a havia enganado.

Ele quase riu. Porque é claro que ela percebeu. Ela, e aqueles olhos, sempre tinha visto através dele.

Era tarde demais, no entanto. Sua mão agarrou seu pulso quando ele sentiu sua hesitação.

Suas últimas palavras não foram: *Você tem lindos olhos*.

Suas últimas palavras foram: "Acabe com isso".

Ela estava balançando a cabeça, o fogo frio em seu rosto se transformando em desânimo.

Mas ele sabia que estava fazendo a coisa certa, e aqueles olhos o tranquilizaram.

Porque eles eram fortes e determinados e únicos, nem humanos nem vampiros, ferozes e atenciosos.

Melhor que o dele. Mais merecedor do que viria a seguir.

*"Termine com isso"*, disse ele, e puxou seu pulso.

E ele não desviou o olhar daqueles olhos enquanto morria, pela mão do única pessoa que merecia matá-lo.

Talvez o rei sempre soubesse que seu maior amor seria sua ruína. Talvez ele soubesse disso no momento em que a conheceu.

Ele também saberia na segunda vez que morresse.



[OceanofPDE.com](http://OceanofPDE.com)

## ORAYA

**M**eu pai vivia nos momentos nebulosos antes de eu abrir os olhos todos os dias, preso entre a vigília e o sonho.

Eu valorizava aqueles momentos, quando meus pesadelos haviam desaparecido, mas ainda não haviam sido substituídos pela sombria sombra da realidade. Eu rolaria em lençóis de seda e inspiraria profundamente aquele perfume familiar - rosa e incenso e pedra e poeira. Eu estava na cama em que dormi todos os dias por quinze anos, no quarto que sempre foi meu, no castelo em que fui criado, e meu pai, Vincent, o Rei dos Nightborn, estava vivo.

E então eu abria os olhos, e a inevitável claridade cruel de a consciência rolaria sobre mim e meu pai morreria novamente.

Aqueles segundos entre dormir e acordar foram os melhores do dia.

O momento em que a memória voltou para mim foi o pior.

Ainda assim, valeu a pena. Eu dormia sempre que podia, só para agarrar aqueles segundos preciosos de volta. Mas você não pode parar o tempo. Não pode parar a morte.

Tentei não perceber que aqueles segundos diminuía cada vez que eu acordava.

Esta manhã, abri meus olhos e meu pai ainda estava morto.

*BANG BANG BANG.*

Quem estava batendo na porta o fazia com a impaciência de quem já estava ali há mais tempo do que gostaria.

*Quem estava batendo.*

Eu sabia quem estava batendo na porta.

Eu não me mexi.

Eu *não conseguia* me mexer, na verdade, porque a dor havia dominado cada um dos meus músculos. Eu apertei minha mandíbula, mais, *mais forte*, até doer, até que eu esperava que meu

dentes rachados. Meus punhos estavam cerrados em volta dos lençóis. Eu podia sentir o cheiro da fumaça – Nightfire, minha magia, devorando-os.

Eu tinha sido roubado de algo precioso. Aqueles momentos nebulosos em que tudo era como antes.

Saí do sono com a imagem do corpo dizimado de Vincent ainda gravado em minha mente, tão morto e tão mutilado em meus momentos de sono quanto em meus momentos de vigília.

“Acorde, princesa!” A voz era tão alta que, mesmo com a porta fechada, ecoava pela sala. “Eu conheço esses seus sentidos felinos.

Você acha que eu não sei que você está acordado? Prefiro que você me deixe entrar, mas vou entrar se for preciso.

Eu odiava aquela voz.

*Eu odiava aquela voz.*

Eu precisava de mais dez segundos antes de poder olhar para ele. Mais cinco ... *BANG.*

*BA—*

Joguei as cobertas para trás, pulei da cama, atravessei o quarto em poucos passos largos e abri a porta.

“Bata naquela porta,” eu respirei, *“mais uma vez, porra.”*

Meu marido sorriu para mim, abaixando o punho erguido, que de fato estava pronto para bater mais uma vez, porra. “Lá está ela.”

Eu odiava aquele rosto.

Eu odiava essas palavras.

E eu odiei acima de tudo que, quando ele as disse agora, eu podia ouvir a corrente oculta de preocupação - podia ver a maneira como seu sorriso parou quando ele me olhou, pés nos olhos, em uma avaliação rápida, mas completa. Seu olhar parou em minhas mãos, fechadas em punhos ao meu lado, e eu percebi que estava segurando um pedaço de seda escaldado em uma.

Eu queria usá-lo para ameaçá-lo, lembrá-lo de que a seda poderia ser dele se ele não tomasse cuidado. Mas algo sobre a centelha de preocupação em seu rosto, e todas as coisas que me fez sentir, matou aquele fogo no meu estômago.

Eu gostava de raiva. Era tangível e forte, e me fez sentir poderosa.

Mas não me senti nada poderoso quando fui forçado a reconhecer que Raihn - o homem que mentiu para mim, me aprisionou, derrubou meu reino e assassinou meu pai - genuinamente se importava comigo.

Eu não conseguia nem olhar para o rosto de Raihn sem vê-lo salpicado com o sangue do meu pai.

Sem ver como ele uma vez olhou para mim, como se eu fosse o mais coisa mais preciosa do mundo, a noite que passamos juntos na cama.

Muitas emoções. Eu os pisoteei violentamente, mesmo que ferido fisicamente, como se engolissem lâminas de barbear. Mais fácil não sentir nada.

"O que?" Perguntei. Foi uma pergunta vazia, não o golpe verbal que eu queria que fosse.

Eu gostaria de não ter notado a leve decepção no rosto de Raihn.

Preocupe-se, mesmo.

"Vim dizer-lhe para se preparar", disse ele. "Temos convidados."

Convidados?

Meu estômago revirou com o pensamento - o pensamento de ficar na frente de estranhos, sentindo-os me encarando como um animal enjaulado, enquanto lutava para me controlar.

*Você sabe como controlar suas emoções, pequena serpente, Vincent* sussurrou em meu ouvido. *Eu te ensinei isso.*

Eu vacilei.

A cabeça de Raihn se inclinou, uma ruga se aprofundando entre sua testa.

"O que?"

Porra, eu odiava isso. Toda vez, ele via.

"Nada."

Eu sabia que Raihn não acreditava em mim. Ele sabia que eu sabia disso. Eu odiava que ele soubesse que eu sabia disso.

Eu pisei nisso também, até que aquela emoção fosse apenas outro zumbido entorpecido no fundo, coberto por outra camada de gelo. Foi preciso um esforço constante para mantê-los assim, e fiquei grato por poder me concentrar nisso.

Raihn olhou para mim com expectativa, mas eu não disse nada.

"O que?" ele disse. "Sem perguntas?"

Eu balancei minha cabeça.

"Sem insultos? Nenhuma recusa? Nenhum argumento?"

*Você quer que eu discuta?* quase perguntei. Mas então eu teria que ver aquela pequena contração preocupada em seu rosto, e eu teria que reconhecer que ele *queria* que eu discutisse, e então eu teria que sentir aquela emoção complicada também.

Então eu apenas balancei minha cabeça novamente.

Ele limpou a garganta. "Tudo bem. Bem. Aqui. Isto é para você." Ele esteve carregando uma bolsa de seda, que ele agora me entregou.

Eu não perguntei.

"É um vestido", disse ele.

"Tudo bem."

"Para a reunião."

Reunião. Isso parecia importante.

*Você não se importa*, lembrei a mim mesma.

Ele esperou que eu perguntasse, mas não o fiz.

"É o único que tenho, então não se preocupe em discutir comigo sobre isso se você não gostar."

Tão pateticamente transparente. Ele estava praticamente me cutucando com um pedaço de pau para ver quando eu reagiria.

Abri a bolsa e olhei para baixo para ver uma pilha de seda preta.

Meu peito apertou. Seda, não couro. Afinal, a ideia de andar por este castelo em algo que não fosse uma armadura...

Mas eu disse: "Está tudo bem".

Eu só queria que ele fosse.

Mas Raihn agora nunca saía de uma conversa sem um olhar longo e demorado, como se ele tivesse muito a dizer e tudo ameaçasse borbulhar antes que ele saísse do meu quarto. Cada fodida vez.

"O que?" Eu perguntei, impaciente.

Mãe, eu senti como se meus pontos estivessem se abrindo, um por um.

"Vista-se," ele disse finalmente, para meu alívio. "Estarei de volta em uma hora."

Quando ele se foi, fechei a porta e me encostei nela, soltando uma expiração irregular. Manter-me inteiro naqueles últimos minutos foi uma agonia. Eu não sabia como faria isso na frente de um bando de amigos de Raihn. Por mais tempo. Por malditas *horas*.

Eu não poderia fazer isso.

*Você vai*, Vincent sussurrou em meu ouvido. *Mostre a eles o quão forte você é.*

Eu apertei meus olhos fechados. Eu queria me inclinar para aquela voz.

Mas desapareceu, como sempre acontecia, e meu pai estava morto mais uma vez.

Eu coloquei o vestido estúpido.



Raihn estava nervoso.

Eu gostaria de não reconhecer isso tão facilmente. Ninguém mais parecia. Por que eles iriam? Seu ato foi meticuloso. Ele encarnou o papel de rei conquistador com a mesma facilidade com que encarnou o papel de humano no pub, o papel de competidor sanguinário, o papel de meu amante e o papel de meu sequestrador.

Mas eu vi, de qualquer maneira. O único músculo se contraindo no ângulo de sua mandíbula. O foco ligeiramente vidrado e muito duro em seu olhar. A maneira como ele ficava tocando o punho da manga, como se estivesse desconfortável com a fantasia que vestia. vestiu.

Quando ele voltou para o meu quarto, eu o encarei, pega de surpresa, apesar de mim mesma.

Ele usava uma jaqueta preta fina e rígida com detalhes em azul e uma faixa combinando sobre o ombro, destacando-se nos botões prateados e no sutil brocado metálico. Era dolorosamente semelhante a outra roupa que eu o vi usar uma vez: a roupa que ele usou no baile da meia-lua, aquela que o Palácio da Lua havia fornecido para ele. Mesmo assim, porém, ele deixou o cabelo despenteado, o queixo barbado, como se a coisa toda tivesse sido relutante. Agora, ele estava barbeado. Seu cabelo estava arrumado e amarrado para revelar o topo de sua Marca de Herdeiro na nuca, espreitando por cima da gola de sua jaqueta. Suas asas estavam abertas, revelando listras de um vermelho vivo nas bordas e pontas. E...

E...

Com isso, minha garganta ficou tão grossa que eu não conseguia engolir – não conseguia respirar.

A visão da coroa na cabeça de Raihn deixou uma pontada entre minhas costelas. Os pináculos prateados estavam aninhados nas ondas vermelho-escuras de Raihn, o contraste dos dois chocante quando eu só tinha visto aquele metal contra o cabelo claro e lustroso de meu pai.

A última vez que vi aquela coroa, ela estava encharcada de sangue, moída nas areias do coliseu enquanto meu pai morria em meus braços.

Alguém teve que vasculhar o que restou do corpo de Vincent para obter aquela coroa? Algum pobre servo teve que limpar seu sangue, pele e cabelo de todas aquelas intrincadas espirais de prata?

Raihn me olhou de cima a baixo.

"Você parece legal", disse ele.

A última vez que ele disse essa palavra para mim, naquele baile, enviou um arrepio na espinha - quatro cartas cheias de promessas ocultas.

Agora, parecia uma mentira.

Meu vestido estava bom. Bem. Simples. Lisonjeiro. Era uma seda fina e fina que se ajustava ao meu corpo - deve ter sido feita para mim, para caber tão bem, embora eu não tivesse ideia de como eles sabiam minhas medidas. Deixava meus braços nus, embora tivesse uma gola alta com botões assimétricos que envolviam meu corpo.

Eu estava secretamente grato por cobrir minha Marca de Herdeiro.

Evitei me olhar no espelho quando me troquei, esses dias. Em parte porque eu parecia uma merda. Mas também porque eu *odiava* — *odiava* — *ver* aquela Marca. Marca de Vicente. Cada mentira, gravada em minha pele com tinta vermelha. Cada pergunta que eu nunca poderia responder.

Cobrir a Marca foi, claro, intencional. Se eu fosse desfilando na frente de algum tipo de Rishan importante, seria esperado que eu parecesse o menos ameaçador possível.

Multar.

Um olhar estranho cintilou no rosto de Raihn.

“Não está fechado.”

Ele gesticulou para o pescoço e percebi que se referia ao vestido - além dos fechos na frente, havia botões nas costas também, e só consegui fechar até a metade.

"Você quer que eu-"

"Não."

Deixei escapar rapidamente, mas nos segundos de silêncio que se seguiram, percebi que não tinha escolha.

"Tudo bem", eu disse, depois de um momento.

Eu me virei, mostrando ao meu maior inimigo minhas costas nuas. Eu pensei comigo mesmo, ironicamente, que Vincent ficaria envergonhado por eu estar fazendo uma coisa dessas.

Mas mãe, eu preferiria uma adaga nas mãos de Raihn - preferiria sinto uma lâmina do que seus dedos roçando minha pele, muito gentilmente.

E que tipo de filha isso me fazia, que apesar de tudo, uma parte de mim ansiava por um toque carinhoso?

Respirei fundo e não soltei até que ele fechou o último botão. Esperei que suas mãos se afastassem, mas não o fizeram. Como se ele estivesse pensando em dizer algo mais.

"Estamos atrasados."

Eu pulei ao som da voz de Cairis. Raihn se afastou. Cairis encostou-se ao batente da porta, os olhos ligeiramente estreitados, sorrindo. Cairis era

sempre sorrindo, mas ele também estava sempre me observando muito, muito de perto. Ele me queria morto. Isso foi bom. Às vezes eu também me queria morta.

"Certo." Raihn limpou a garganta. Tocou o punho da manga. Nervoso. Tão nervoso.

Uma versão anterior de mim mesma, aquela enterrada sob as dezenas de camadas de gelo que coloquei entre minhas emoções e a superfície da minha pele, teria sido curiosa.

Raihn olhou por cima do ombro para mim, a boca torcendo em um sorriso, empurrando suas emoções para baixo da mesma forma que eu fiz.

"Vamos, princesa. Vamos dar um show a eles."



A sala do trono tinha sido limpa desde a última vez que estive aqui - obras de arte e decoração substituídas, pisos limpos dos pedaços quebrados de artefatos Hiaj. As cortinas estavam abertas, revelando a silhueta envolta em prata de Sivrinaj. Estava mais calmo do que há algumas semanas, mas pequenas faíscas de luz ocasionalmente irrompiam na noite ao longe. Os homens de Raihn haviam controlado a maior parte do centro da cidade, mas eu podia ver os confrontos nos arredores de Sivrinaj da janela do meu quarto. O Hiaj não cairia sem lutar, nem mesmo contra a Casa do Sangue.

Uma pontada de algo muito abaixo daquele gelo – orgulho, talvez. Preocupar. EU não tinha certeza. Era tão difícil dizer.

O trono do meu pai, o trono de Raihn, ficava no centro do estrado. Cairis e Keturá ocuparam seus lugares atrás dele, encostados na parede, vestidos com suas melhores roupas. Sempre os guardas obedientes. Presumi que estaria lá também, na única cadeira ali empoleirada. Mas Raihn deu uma olhada, inclinou a cabeça e arrastou-a para colocá-la ao lado do trono.

Cairis olhou para ele como se ele tivesse enlouquecido.

"Tem certeza disso?" ele disse, baixo o suficiente para que eu soubesse que não era minha intenção ouvir.

"Claro que estou," Raihn respondeu, virando-se para mim, então apontou para a cadeira enquanto tomava a sua, não dando a Cairis a chance de discordar. Ainda assim, o

os lábios cerrados do conselheiro diziam mais do que o suficiente. Assim como o brilho de adaga sempre presente de Ketura.

Se eu deveria me emocionar com essa demonstração de... de generosidade, ou bondade, ou seja lá o que isso deveria ser, eu não estava. Sentei-me e não olhei para Raihn.

Uma serva enfiou a cabeça pelas portas duplas, curvando-se enquanto se dirigia a Raihn. "Eles estão aqui, Alteza."

Raihn olhou para Cairis. "Onde diabos ele está?"

Como se fosse uma deixa, o cheiro de fumaça de cigarrilha pairou no ar.

Septimus atravessou o salão, subindo o estrado em duas passadas longas e graciosas. Ele foi seguido por seus dois guardas Bloodborn favoritos, Desdêmona e Ilia, duas mulheres altas e esguias que pareciam tão parecidas que eu tinha certeza que deviam ser irmãs. Eu nunca tinha ouvido nenhum deles falar.

"Desculpas", disse ele alegremente.

"Apague isso," Raihn resmungou.

Septimus riu. "Espero que você pretenda ser mais educado com seus próprios nobres do que isso."

Mas ele obedeceu, apagando a cigarrilha na palma da mão. O cheiro de a fumaça foi substituída pela de carne queimada. Cairis torceu o nariz.

"Isso é bom", disse ele secamente.

"O Nightborn King me pediu para divulgá-lo. Seria rude não fazê-lo.

Cairis revirou os olhos e parecia estar se esforçando muito para não dizer mais nada.

Raihn, por outro lado, apenas olhou através da sala para aquelas portas duplas fechadas, como se queimasse através delas para o que havia além. Seu rosto era neutro. Arrogante, mesmo.

eu sabia melhor.

"Vale?" ele perguntou a Cairis, em voz baixa.

"Ele deveria estar aqui. O barco deve estar atrasado.

"Milímetros."

Aquele som poderia muito bem ser uma maldição.

Sim, Raihn estava muito, muito nervoso.

Mas sua voz era calma e alegre quando ele disse: "Então acho que estamos pronto, não estamos? Abra as portas. Deixe-os entrar.

## RAIHN

**T** A última vez que estive nesta sala com essas pessoas, fui uma escrava.

Às vezes, eu me perguntava se eles se lembravam de mim. Eu não era nada para eles naquela época, é claro. Outro corpo sem rosto, algo mais parecido com uma ferramenta ou animal de estimação do que com um ser senciente.

Essas pessoas, é claro, sabiam quem eu era agora. Sabia o que meu passado continha. Mas não pude deixar de me perguntar, enquanto eles entravam na vasta e bela sala do trono, se eles realmente se lembravam *de mim*. Eles certamente não se lembravam de todas aquelas pequenas crueldades mundanas, para eles apenas mais uma parte de outra noite. Eu me lembrei, no entanto. Cada humilhação, cada violação, cada greve, cada agonia casual.

Eu me lembrei de tudo.

E agora aqui estava eu, diante da nobreza Rishan, com um Maldita coroa na minha cabeça.

Nossa, como as coisas mudaram.

Não tanto quanto eu desejava, no entanto. Porque secretamente, mesmo depois de tudo isso tempo, eu ainda estava com medo deles.

Eu escondi a verdade com uma performance que foi cuidadosamente selecionada - uma porra de uma imitação impecável do meu antigo mestre. Eu estava no estrado, minhas mãos atrás das costas, minhas asas para fora, minha coroa perfeita, meus olhos frios e cruéis. Essa última parte não foi difícil. Afinal, o ódio era real.

Os nobres foram chamados de todos os cantos do território Rishan. Eles eram o poder antigo. A maioria deles estava no poder quando Neculai era rei. Eles estavam vestidos tão bem quanto eu me lembrava, envoltos em roupas de seda tão intrincadas que era óbvio que algum pobre escravo havia passado semanas trabalhando duro.

cada ponto de bordado. Seus rostos tinham a mesma arrogância, a mesma crueldade elegante que, eu sabia agora, era compartilhada por toda a nobreza vampírica.

Isso foi o mesmo.

Mas muita coisa também era diferente. Duzentos anos se passaram. E talvez aqueles duzentos anos não tenham marcado seus corpos, mas foram anos duros, e esses anos duros certamente marcaram suas almas. Esses eram os poucos rishans poderosos que sobreviveram a um golpe violento e depois a dois séculos de domínio de Hiaj. Eles dominaram as ruínas que Vincent lhes permitiu manter.

E agora eles estavam aqui, diante de um rei que já odiavam, prontos para lutar como o inferno por sua pilha de ossos.

O pior dos privilégios. O pior da opressão.

Eu levantei meu queixo, sorri em meus lábios.

“Que bando sombrio”, eu disse. “Acho que todos vocês ficariam mais felizes por serem aqui, considerando as circunstâncias dos últimos dois séculos.”

Eu pretendia fazer minha voz soar como a dele. Uma ameaça perpétua. A única coisa que essas pessoas entenderam.

Ainda assim, foi um pouco chocante ouvir isso saindo da minha boca.

Eu afrouxei meu controle sobre minha magia, deixando fiapos de noite se desenrolarem em torno de minhas asas - destacando, eu sabia, as listras de penas vermelhas. Lembrando a eles quem eu era e por que estava aqui.

“Nyaxia finalmente achou por bem restaurar nosso governo,” eu disse, andando ao longo do estrado com passos lentos e preguiçosos. “E com o poder que ela me concedeu, levarei a House of Night a uma era mais forte do que nunca. Eu recuperei este reino do Hiaj. Do homem que assassinou nosso rei, estuprou nossa rainha, dizimou nosso povo e tomou nossa coroa por duzentos anos.

Eu estava tão profundamente consciente do olhar de Oraya cravado em minhas costas enquanto eu listava os erros de Vincent. Na verdade, eu estava constantemente consciente de Oraya durante todo esse ato - sabendo que ela podia ver através dele.

Mas eu não podia mostrar distração. Em vez disso, deixei meu lábio se curvar em desgosto.

“Agora, farei da House of Night mais uma vez algo a temer. EU irá restaurá-lo ao que costumava ser.”

Cada *eu* foi cuidadosamente escolhido, lembrando-os a cada frase do meu papel.

Eu assisti Neculai dar alguma versão deste discurso inúmeras vezes, e eu observei essas pessoas lambê-lo como gatinhos no leite.

Mas não importa o quão boa fosse minha atuação, eu não era Neculai.

Eles apenas me encararam, o silêncio pesado não com reverência, mas com ceticismo - e apenas um pouco de desgosto.

Apesar da Marca, da coroa, das asas, eles ainda viam um escravo Transformado.  
Foda-se eles.

Eu andei pelo estrado, olhando-os para baixo. Parei quando vi um rosto familiar - um homem com cabelo castanho-acinzentado salpicado de cinza nas têmporas e olhos escuros penetrantes. Eu o reconheci imediatamente - mais rápido do que gostaria - porque as memórias vieram em um corte violento e indesejável. Aquele rosto e centenas de noites de sofrimento.

Ele se parecia com Neculai, em alguns aspectos. As mesmas feições angulosas e a mesma crueldade nelas. Isso fazia sentido. Eles eram primos, afinal.

Ele tinha sido mau. Não é o pior. Esse prêmio foi para seu irmão, Simon, quem, notei com uma rápida varredura da sala, não estava aqui hoje.

Fiz uma pausa diante dele, cabeça inclinada, sorriso em meus lábios. Eu simplesmente não pude evitar.

"Martas," eu disse agradavelmente. "É uma surpresa ver você aqui. Eu poderia *jurar* que meu convite foi endereçado a seu irmão.

"Ele não conseguiu fazer a viagem", Martas disse suavemente. Sinceramente com desdém. E não havia dúvidas na maneira como seus olhos percorreram meu corpo, a contração de desgosto em seus lábios.

A sala estava totalmente silenciosa. Palavras inofensivas na superfície. Mas todos aqui sabiam o insulto que eram.

Simon era um dos nobres Rishan mais poderosos que ainda permanecia vivo - inferno, o mais poderoso. Mas ele ainda era apenas um nobre. Quando um rei convoca, você vem.

"Realmente?" Eu disse. "Isso é uma vergonha. O que era tão importante?"

Martas - aquela cobra - realmente me olhou diretamente nos olhos e disse:

"Ele é um homem muito ocupado."

Um prazer sombrio e sedento de sangue se infiltrou em minha cuidadosa compostura.

"Eu suponho que você terá que jurar fidelidade em nome dele, então." Eu levantei meu queixo, olhando para ele, sorrindo amplamente o suficiente para revelar minhas presas. "Arco."

Eu sabia exatamente o que estava prestes a acontecer.

Simon e Martas acreditavam que tinham um caminho claro para o trono. Eles eram os únicos parentes remanescentes do rei - certamente, eles devem ter pensado, Simon encontraria uma Marca de Herdeiro em sua pele quando Neculai morresse, como o parente mais velho de Neculai.

Mas infelizmente para eles - infelizmente para mim - Nyaxia não era tão previsível.

Os idiotas provavelmente passaram os últimos duzentos anos assumindo que ninguém tinha a Marca. Deve ter sido um choque desagradável algumas semanas atrás, quando revelei o meu e então os convoquei para Sivrinj para se ajoelhar diante do escravo Transformado de quem abusaram por setenta anos.

Eles não tinham intenção de fazer isso, e eu sabia disso.

Martas não se mexeu.

“Não posso”, disse ele.

Alguém poderia esperar um suspiro na sala, uma onda de murmúrios.

Não. A multidão ficou em silêncio. Ninguém ficou surpreso.

“Meu irmão apenas jura lealdade ao legítimo rei da Morada da Noite, e eu me curvo apenas a esse homem,” Martas continuou. “Você não é rei.” O sorriso de escárnio em seu lábio se contorceu novamente. “Eu vi o jeito que você se contaminou. Não posso me curvar a alguém que fez essas coisas. Nem para alguém que está em um estrado ao lado de um príncipe Bloodborn.”

*Me contaminei.*

Que maneira de expressar isso. Foi quase foddidamente elegante, o jeito que ele fez isso sobre algum código moral inexistente – como se eu tivesse escolhido qualquer coisa que tivesse acontecido todos aqueles anos atrás, e como se ele não tivesse sido um dos que me seguraram.

Eu balancei a cabeça lentamente, considerando-os. Eu sorri para ele. Agora era inteiramente genuíno. Eu não poderia ter suprimido mesmo se eu quisesse.

A sede de sangue martelava meu corpo a cada batida do coração, tomando sobre.

E então Martas disse, as palavras ficando mais rápidas, a mão estendida para o estrado: “Você diz que nos libertou do Hiaj, mas vejo a prostituta de Vincent sentada bem ao lado do seu trono.”

Seus olhos passaram por cima do meu ombro. Aterrissando, eu sabia, em Oraya.

Eu conhecia aquele olhar. Ódio, fome, desejo e repulsa, tudo junto. “Tudo bem se você quiser transar com ela,” ele rosnou. “Mas olhe para ela. Tão intocado. Nem um arranhão nela. Tudo que você precisa é de uma boca e uma boceta. Por que você se preocupou em ficar com o resto?”

Meu sorriso desapareceu.

Eu não achava mais divertido brincar com ele.

Eu estava mantendo tudo sobre esta reunião calculado, deliberado.

Mas agora eu agia apenas por impulso.

“Eu aprecio sua honestidade,” eu disse calmamente. “E eu aprecio o Simon's.”

Desci as escadas em dois passos largos e coloquei minhas mãos delicadamente em cada lado do rosto de Martas. Ele realmente parecia tão malditamente semelhante a como era séculos atrás.

Talvez as pessoas nunca tenham mudado.

Eu *me sentia* diferente desde que Nyaxia restaurou o poder da linhagem de herdeiros Rishan. Senti algo mudar em mim desde o momento em que Neculai morreu, mas fui capaz de sufocar esse poder, subjuguá-lo em algo mais fácil de controlar e menos provável de chamar a atenção. Mas desde aquela noite, minha magia voltou com uma força incontrolável, como se o dom de Nyaxia tivesse aberto uma nova veia dela.

Na verdade, foi um alívio usá-lo com força total novamente.

Eu deixo ir.

Asteris era exaustivo e estimulante de usar. Parecia o cru poder das estrelas explodindo em minha pele, rasgando meu corpo.

Atravessou o de Martas também.

A sala ficou branca, depois preta, e então voltou a ter uma nitidez desagradável.

Calor espirrou sobre mim. Um *baque* surdo cortou o silêncio, quando um corpo quebrado e esmagado caiu no chão em uma pilha de seda.

A luz se apagou, revelando um mar de rostos chocados e silenciosos. Eu segurei a cabeça de Martas, as feições distorcidas em uma confusão satisfatória. Agora, *essa* era uma nova expressão para ele.

Algumas pessoas perto da frente da multidão deram vários passos rápidos para trás para evitar a poça de sangue negro que se espalhava pelo mármore. Não houve gritos, nem histeria. Os vampiros, mesmo nobres vampiros, estavam bem acostumados ao derramamento de sangue. Eles não ficaram horrorizados, não, mas ficaram surpresos.

Talvez não tenha sido sensato assassinar o irmão do meu nobre mais poderoso.

Neste momento, eu não me importei. Eu não senti nada além de satisfação. Eu não fui feito para essas besteiras - o orgulho, as festas, a política. Mas isso? A matança?

Eu era bom nisso. Sentiu-se bem em dar a alguém que merecia.

Olhei por cima do ombro. Eu não tinha certeza do porquê - eu fiz isso sem pensar.

A expressão no rosto de Oraya me impressionou.

Satisfação. Satisfação sanguinária.

A primeira vez em semanas eu vi algo que parecia briga em seus olhos. Deusa, eu poderia ter chorado por isso.

*Lá está ela*, pensei.

E algo sobre a maneira como ela olhou para mim, bem nos olhos, perpassou minha fantasia e minha performance. Eu praticamente podia ouvi-la dizendo isso também: *Lá está ele*.

Eu me virei para a multidão, subindo os degraus do estrado.

“Eu sou o Rei Nascido da Noite,” eu disse, a voz baixa e mortal. “Você acha que eu vou implorar pelo seu respeito? Eu não preciso do seu respeito. Seu medo servirá. *Arco.*”

E deixei a cabeça cair com um *baque úmido doentio*, rolando escada abaixo direto para seu antigo corpo. Apropriadamente, a posição em que caiu realmente se assemelhava a um arco de prostração.

Os nobres olharam. O mundo prendeu a respiração.

*Prendi* a respiração e tentei desesperadamente não demonstrar.

Eu estava andando em uma linha muito tênue aqui. Os vampiros respeitavam a brutalidade, mas apenas das pessoas certas. Eu não era uma das pessoas certas. Talvez eu nunca seria.

Se um ou dois se recusassem a se curvar, eu poderia lidar com isso. Mas Herdeiro Mark ou não, eu precisava de alguma lealdade de meus nobres, especialmente se eu quisesse sair do controle de Bloodborn. Se *todos* eles recusassem...

A porta se abriu, a batida contra as paredes dividindo o silêncio como uma espada atravessando a carne.

Vale estava na porta.

Nunca pensei que ficaria aliviado ao ver aquele homem. Mas pelos peitos de Ix, tive que me impedir fisicamente de soltar um suspiro de alívio.

Ele absorveu a cena - eu, a multidão, os conselheiros, o maldito de Martas corpo - e imediatamente juntou o que ele tinha acabado de entrar.

Ele caminhou decididamente para dentro da sala, tão rápido que suas longas ondas escuras voaram atrás dele. A multidão se abriu para ele. Uma mulher o seguiu, então permaneceu na parte de trás da multidão, olhando ao redor da sala do trono com olhos arregalados e curiosos, cabelos castanhos encaracolados presos no alto da cabeça.

"Meu rei", disse Vale, enquanto se aproximava do estrado. "Peço desculpas pelo meu atraso."

Diante de mim, ele imediatamente se ajoelhou - bem no centro da multidão, bem na poça de sangue escorrendo de Martas.

"Alteza." Sua voz ressoou pela sala do trono. Ele sabia exatamente o que estava fazendo — sabia se tornar o mais visível possível.

"Você tem minha espada, meu sangue, minha vida. Juro a você minha lealdade e meu serviço. É minha maior honra servir como seu Chefe de Guerra."

Um estranho eco do passado nessas palavras. A última vez que ouvi Vale dizê-las, foi para Neculai. Interiormente, eu me encolhi ao ouvi-los dirigidos a meu.

Externamente, aceitei-os como se não fossem nada além do esperado.

Eu levantei meu olhar para os outros, esperando.

Vale era um nobre. Ele era respeitado. Ele apenas derrubou uma escala precária.

Lentamente a princípio, e depois em uma onda, os outros nobres baixaram em reverências.

Isso era exatamente o que eu queria. Necessário. E, no entanto, a visão me deixou visceralmente desconfortável. De repente, fiquei muito consciente da coroa na minha cabeça, usada por séculos de reis antes de mim, reis que foram amaldiçoados por regras de crueldade e paranóia. Reis que eu matei, direta ou indiretamente, assim como eles mataram os que vieram antes deles.

Eu não pude evitar. Olhei por cima do ombro novamente, apenas por uma fração de segundo, apenas o suficiente para alguém notar.

Os olhos de Oraya me espetaram. Como se ela estivesse vendo aquele pequeno fragmento de honestidade sombria, desnudado.

Eu desviei o olhar rapidamente, mas aquele olhar permaneceu comigo, de qualquer maneira.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Trad Crowns Of Nyaxia 02 The Nightborn..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).